

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

INTENSIFIQUEMOS AS LUTAS REIVINDICATIVAS EXIJAMOS SOLUÇÕES URGENTES E ADEQUADAS PARA OS AGUDOS PROBLEMAS DAS CLASSES LABORIOSAS!

A elevada carestia da vida, em contraste com os baixos salários e o aumento do desemprego total ou parcial, chamam a atenção para a situação insustentável dos trabalhadores portugueses e das suas famílias. Esta duríssima situação põe diante de todos os trabalhadores a necessidade de organizarem e travarem a luta contra a exploração e a miséria, de lutarem em cada fábrica ou herdade, em cada local de trabalho, contra a política de fome do fascismo e a ganância do grande patronato.

Os exemplos brilhantes dos operários da Parry & Son, dos pescadores de Matosinhos e da costa algarvia, dos mineiros de S. Pedro da Cova, das tecedeiras de Mira d'Aire, dos assalariados rurais da margem esquerda do Guadiana, e de muitos outros trabalhadores, mostram o caminho a seguir pelas classes laboriosas.

A luta — única alternativa

A luta reivindicativa é actualmente a única forma de travar o movimento descendente do nível de vida das classes trabalhadoras. Ela tem igualmente uma grande importância política no combate ao regime salazarista.

Lutar contra a carestia da vida, pelo aumento de salários, pela liquidação do desemprego, pelo barateamento das rendas de casa, contra a produtividade e outras formas de exploração do grande patronato é bater em pleno no coração de toda a política monopolista anti-nacional de Salazar.

É indispensável que os trabalhadores se disponham a travar a luta, que vençam os seus receios e ganhem a convicção de que, quanto mais unidos e organizados, melhor podem obrigar a recuar o patronato e o salazarismo e fazê-lo atender as suas reivindicações.

A experiência dos pescadores do Norte do país, dos operários agrícolas do Baixo e do Alto Alentejo e dos metalúrgicos da região de Lisboa ensina que, quando os trabalhadores se dispõem à luta e a organizam, é possível não só mobilizar os trabalhadores duma fábrica ou duma localidade isoladas, como interessar nessas acções trabalhadores de toda uma zona industrial ou de toda uma região. Como actuar para obrigar o governo e o patronato a melhorarem as condições de vida dos trabalhadores?

Façamos assembleias para discutir a nossa situação

Em primeiro lugar, os trabalhadores devem reunir-se para debater os seus problemas, para apresentarem nas reivindicações a apresentarem, para se entenderem sobre as formas de luta a travar.

Em qualquer ponto os trabalhadores podem realizar essas reuniões. Em 1947, os valentes grevistas das construções navais de Lisboa fizeram grandes assembleias nas oficinas, nos refeitórios, nos barcos, no próprio cais e as autoridades foram impotentes para as impedir, porque em tais reuniões se juntaram em massa não só aqueles operários como muitos outros doutras empresas de Lisboa.

Já nos tempos mais próximos, os

(continua na 5.ª pág.)

Batido irresistivelmente pela luta dos povos coloniais, o odioso sistema do colonialismo chega ao seu termo.

Também os povos de Angola, Guiné, S. Tomé e Príncipe e das outras colónias portuguesas de África iniciaram já o seu combate pela independência. Essa luta conta com a simpatia e o apoio das forças progressistas do nosso país.

Como reage, entretanto, o governo salazarista à justa luta destes povos das colónias portuguesas pela independência?

Salazar, dando largas ao seu furor colonialista, desenvolve uma repressão sangrenta contra os povos africanos e asiáticos ainda submetidos ao colonialismo português. Depois dos fuzilamentos dos 26 grevistas na Guiné, a governo salazarista acaba de deportar para Angola 49 patriotas timorenses, dos quais 36 foram internados no sinistro campo de concentração do Bié onde se encontram presos outros patriotas goeses, angolanos e doutras colónias.

Ao mesmo tempo, os colonialistas portugueses preparam um monstruoso julgamento em Luanda de

(continua na 2.ª pág.)

NASCEU HÁ 90 ANOS O GÉNIO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA OS ENSINAMENTOS DE LÉNINE SÃO UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA O NOSSO POVO

Os povos da grande União Soviética e com eles todo o campo socialista e milhões de trabalhadores do mundo inteiro comemorarão no dia 22 de Abril o 90.º aniversário de Vladimir Ilitch Lénine.

Com uma visão superior dos problemas e das condições históricas do seu tempo e do desenvolvimento dialéctico da sociedade, Lénine imprimindo ao marxismo um sentido criador, devoto aos primeiros anos da sua vida revolucionária à criação do instrumento decisivo chamado a modificar radicalmente as velhas relações de classe e a instaurar novas relações de classe, baseadas na plena igualdade de todos os cidadãos perante a lei e na propriedade comum, colectiva, de todos os meios de produção. Esse instrumento é o Partido Comunista, guia e vanguarda organizada do proletariado.

O sonho do genial condutor do Grande Outubro tornou-se uma viva realidade. A velha Rússia semi-feudal, imensa cadeia de povos, distanciada mais de 50 anos dos países mais desenvolvidos tornou-se em pouco mais de 40 anos num poderoso e florescente Estado multinacional, que hoje ocupa o primeiro lugar na ciência e na técnica e está prestes a tornar-se a primeira potência industrial do mundo.

O povo russo, tão rico, porém, de tradições humanistas e revolucionárias, libertou-se para sempre da miséria e do obscurantismo e é hoje o povo mais progressivo e mais feliz do mundo, o povo que edifica a melhor e mais bela sociedade de todos os tempos, a sociedade comunista.

Quando morreu, em 1924, Lénine deixou já bem consolidado o primeiro Estado socialista do mundo, com os seus 150 milhões de habitantes. Hoje o grande campo socialista conta com 12 Estados, abrangendo mais de 900 milhões de habitantes, arduosamente empenhados na construção do

socialismo e do comunismo.

Os êxitos e avanços no trabalho criador dessas centenas de milhões de soviéticos, chineses, checos, búlgaros, polacos, romenos, alemães, húngaros, coreanos, vietnamitas, mongóis e albaneses confirmam a fé ilimitada de Vladimir Ilitch Lénine

«se operária criar e desenvolver o seu partido de classe, *um partido que reúna num todo indivisível a ofensiva em nome do povo inteiro contra o governo, com a educação revolucionária do proletariado salvaguardando ao mesmo tempo a sua independência política*», (Lénine, «Que Fazer?», ed. esp., pág. 139).

Para levar à vitória a luta anti-salazarista, para edificar um Portugal democrático e socialista, a classe operária portuguesa, os trabalhadores da cidade e do campo do nosso país devem fortalecer, alargar e defender «*como as meninas dos seus olhos*» o seu partido de classe — o Partido Comunista Português.

Lénine ensinou que o Partido Comunista para ser forte e realmente dirigente deve estar ligado às amplas massas. Para forjar esse partido de massas os comunistas devem «*inculcar-se, aproximar-se e até certo ponto fundir-se com as mais amplas massas trabalhadoras, em primeiro lugar com a ampla massa proletária, mas também com a massa trabalhadora não proletária*» (Lénine, «Doença da Infância», ed. esp., pág. 11). Para tornar o Partido Comunista Português um grande partido dirigente da luta contra a reacção e o fascismo, os comunistas portugueses devem despir-se de todo o sectarismo que os isola das massas, devem identificar-se estreitamente com os problemas que preocupam os trabalhadores do nosso país, devem encontrar soluções práticas que permitam às massas do nosso povo libertar-se da opressão salazarista e das cadeias do monopólio.

Lénine ensinou que a revolução democrático-burguesa só pode ser levada às suas plenas consequências com a condição de a classe operária nela desempenhar um papel dirigente. «*O marxismo não ensina o proletariado a ficar e*

(continua na 6.ª pág.)



ningue no poder realizador das massas populares, no seu entusiasmo revolucionário.

Lénine sempre depositou uma confiança sem limites na consciência política da classe operária e na sua capacidade para edificar um mundo novo.

Aprendamos as lições de Lénine

Os trabalhadores e o povo de Portugal têm no leninismo uma fonte permanente de inspiração.

Lénine ensinou que para liquidar a opressão capitalista e avançar no caminho do progresso ininterrupto é indispensável à clas-

CARTA DA LUTA PATRIOTA DA G.N.R.

O TERROR NAS COLÓNIAS

A odiosa politica anti-nacional de Salazar levanta cada vez mais contra ella a indignação e o descontentamento dos elementos patriotas das forças armadas. Em largos sectores das forças, isto revela hoje um conceito de patriotismo que se distingue radicalmente do "patriotismo" dos monopólios exaltado pelos fascistas.

Com estes nas forças armadas o sentimento de solidariedade com o povo. Os homens honrados que entregaram a fôrça de trabalho ao Estado da G.N.R. ou da PSP, começam a compreender os seus deveres com o País. Já se sentem verdadeiramente "filhos do povo fardados" e "filhos do soldado".

A carta, da qual se segue a continuação, foi enviada da G.N.R. José de Góes, que se encontra em prisão, ilustra um nobre exemplo de patriotismo e de amor ao País de todos os portugueses dignos desse nome e, seguramente, o interesse de todos os homens honrados da G.N.R.

-aos MEUS CAMARADAS DA G. N. R.

Eu tomei parte directa na fuga do Estácio, por ver que os olhos não estão no seu verdadeiro lugar, não são certas.

Alvaro Cunha, um homem sério e que tem de facto um conhecimento profundo da libertação do povo, encontrava-se preso há cerca de 11 anos. Tendo elle terminado a pena já há bastantes anos não teria nem de lembrar a prisão.

Francisco Miguel, nas mesmas condições, estava preso há 13 anos e as esperanças de que lá dentro eram as mesmas de Alvaro Cunha.

Além destes dois amigos do povo, ajudou a libertar também Guilherme da Costa Cavalho, Pedro Soares, Carlos Costa, Jaime Serra, Francisco Martins, António, Rogério de Carvalho, José Carlos e Joaquim Gomes, que também se encontram presos há bastante tempo.

Que estes camaradas estes bons portugueses para estarem encarcerados num total de 77 anos! Nenhum. Apenas por quererem que o povo tenha trabalho e pão, coisas que actualmente não tem. Não está certo.

Há indivíduos que roubam, matam e fazem outros crimes de condêmnavel, no entanto estão presos mais d'uma dezesena de anos e são restituídos à liberdade, para continuarem a sua preciosa vida no crime. Com estes amigos do povo acontece o contrário, não são maiores crimes e alguns são presos por toda a vida. Não é justo.

Vim para a G.N.R. em 1946, logo de início fiquei preso. Não se cumpriram as leis que regulam a vida militar.

Na G.N.R. comete-se toda a espécie de irregularidades.

Art. 1.º do artigo 4.º do Regulamento da Disciplina Militar, que todo o militar deve regular o seu procedimento pelos ditames da virtude e da honra, amor ao País, querer e fazer guardar a Constituição Política em vigor no País, etc. Aqui está que isto não é cumprido, porque a Constituição Política é delatada pelo próprio Crim. que depois de ser o primeiro a ser obrigado a cumpri-la como está escrita.

Por que que a G.N.R. e todas as forças armadas não obedecem a estas leis? Comprimos as disposições e as direções dadas a quem pertencem?

Não. As forças armadas são lançadas contra o povo, para manter no abastecimento umas escassas centenas de usurpadores sem escrúpulos, os da sede da Salazar. Dá o velho rifle, o que dá mal e não sempre duro, num bem que sempre dura.

As coisas no nosso País, correm de mal para mal.

As leis são cumpridas conforme as occidências sociais.

Os que se vêem a braços com as delimitações do Governo, são os proprietários ou os trabalhadores, os ricos não se podem impor o rigor da lei, porque elles fazem o que muito bem lhes apetece.

Assim, a G.N.R., é forçada pelas graduações, a fazer autuções, sendo estas sempre para as classes baixas.

Em um castiçal, contra um indivíduo rico, este vem logo para o pé dos nossos superiores, eram-nos feitas de respeito, feitas de consideração, incorreção para com nós, etc. e como os superiores são bastante amigos deles, mandam-nos chamar, somos insultados e por vezes mandam e o senhor ingressor lá se fica irado.

Quando há alguma festa e são esperados membros do Governo ou burlescos estrangeiros, o G.N.R. corre com os seus mandatos, os seus direitos, etc. e quando há festa, para mostrar que não há mistério em Portugal.

Porque é que a G.N.R., quando em caso de manifestação ordenada, se lança contra os populares pacatos, que não querem a paz, o trabalho e o conforto, mas sim a liberdade, acompanhando-os?

Não tem utilidade alguma este procedimento.

Lembram-vos da maneira como os superiores em os momentos em tempo de paz, se tratam, chamam-nos com desprezo e ódio, somos tratados como cães, emfim, uns farrapos humanos.

Quando há manifestações de descon-

tamento, já elles se fazem nossos amigos, nossos irmãos, animam-nos, convidam-nos a tomar café, já somos gente nessas alturas, pouco precisamos que lhes demos as costas.

Repara que nós só precisamos de nós para os guardar e para elles ganharem o galgo, sem o trabalho. Só nos vão pagar se nós, os nossos pais, tomados milhares de dólares, os prisioneiros, nos criarem e depois, largem-nos contra eles de arma em punho.

Davam-nos trabalho que nos nosos pais, irmãos e irmãs, e nem sempre tem trabalho. Nós não de vímos para a G.N.R., para a liberdade, a leão com eles, somos filhos do povo.

E preciso que a G.N.R. e outras forças armadas se ponham ao lado do povo e ajudem a correr com a sua e diretos ao governo salazarista.

O empenho dos nossos vencimentos não faz bem a ninguém, nem ao povo. Se não fosse o povo, que por intermédio dos seus homens sérios, possuise tudo a descoberto, não eram aumentados, Salazar e de outros, não se poderiam servir, miséria e escravidão. O governo de Salazar é uma verdadeira escola do crime.

Tramamos os filhos com mil sacrificios e depois de termos a vida, os filhos são colobias. Porque? Por falta de apoio da República.

Reparar por esse País fora, quanto milhares de crianças, requilhões, enfezados, fêmeas de alimentos, vestuários e outros forros morais. As mães têm de trabalhar, para ajudar os maridos a suportar o enorme fardamento. Queimam a vida, umas inocentes, que nascem e crescem sem lhes poder ser administrada a educação?

Só um Governo que de ao povo melhores condições de vida, mas nunca o governo de Salazar, que só gasta dinheiro em armamento e entrega as riquezas nacionais aos exploradores estrangeiros.

Na minha existência, um guarda da G.N.R. ganhava cerca de 200\$00, mas estava a bratar a 50 e 100, e o filho de 300 a 150 e o filho, a carne do bife a 600 e o quebra a 100 e a roupa de casa, o pão de 30\$00, a leite carissimo, o vinho a 50 e o litro, a fazenda da malhar a 50\$00 ou 60\$00 de mais, etc.

E agora, os vencimentos subiram duas vezes e mais e o custo de vida, umas coisas por outros, subiu sem exagero 6 e mais.

Que confiança podemos fazer num Governo como este, que garante categoricamente manter o nível do vida após o aumento e ainda não se sabia quanto aumentem os vencimentos, e ainda, há o custo de vida se elevava assustadoramente?

Há no G.N.R. um punhado de locos de que se vêem a braços com os interesses do povo, baixam-nos os preços, o povo, que amanhã lhes pedirão contas dos seus crimes. Os homens sérios e honestos não se deixam enganar por este Alentejo Carralho, que vem com o seu filho, é filho de pai-bom-melhorador, Estácio Eugénio, que prevê, pedira trabalho para os seus filhos e para seu trabalho, não em o tempo de guerra, mas em tempo de paz, como pelos mesmos motivos, assinou José Adelino dos Santos, em Alentejor.

A maior parte dos elementos da G.N.R. concebe o seu lenhele-coronel Melos, actual Director da PIDE.

Até com o estabelecimento do G.N.R. no Barreiro e do Batalhão nº 3 de Évora, pessoa de mais instâncias, proibiu os guardas de falar com os civis e até a eles de lhes dar o seu nome e apelido.

Quem é elle para pretender que o povo excluído do convívio dos seus filhos, que são nós, filhos do povo, fardados?

Não hiteis com o povo e não pequisades a liberdade para os outros, os povos devem o ser. Há de chegar o tempo que vejam as coisas como em vi.

Com o decorrer dos tempos foi vindo a ser a liberdade, a liberdade, a liberdade e honestos, não a por.

Homens sérios e honestos, não dizem as verdades e pagem o bem (continua no 6.º pag.)

(continuação da 1.ª pag.)

cerca de 50 patriotas angolanos e de alguns democratas portugueses acusados de auxiliarem a luta do povo de Angola contra o colonialismo português.

Entre os presos que vão ser submetidos a julgamento contam-se os destacados patriotas angolanos António Pedro Bengue, Fernando Pascoal da Costa, Agostinho Mendes de Carvalho, Sebastião Gaspar Domingos, Amadeu Amorim, Higinio Sousa e Almeida, Gabriel Leilão Pereira e Francisco Assis Machado, e entre os portugueses a Dr.ª Julieta Gandra, o Arquitecto Veloso de Pinho e o engenheiro Celezans Duarte.

Os salazaristas acusam os patriotas negros e os prisioneiros brancos de «traição à pátria», o que demonstra as suas intenções de applicar aos acusados pesadas penas. A maior parte dos presos angolanos foram submetidos a brutais torturas pelos esbirros da PIDE, capitaneados pelo subinspector Aníbal São José Lopes. De alguns dos patriotas angolanos aprisionados não há quaisquer noticias pelo que se admittem tenham sido assassinados.

O governo está ponho todos os entraves à assistência jurídica aos prisioneiros.

O nosso povo tem o dever de protestar contra tais julgamentos, de denunciar os crimes e torturas dos fascistas portugueses contra os patriotas angolanos e de exigir o castigo dos carrascos.

Além do terror policial, Salazar prepara afanosamente uma odiosa guerra colonialista contra os povos africanos.

Com este objectivo foi recentemente annunciada com grande relevo pelo Sub-secretário da Aeronautica a criação da 2.ª Região da Força

Áerea em Angola. Os salazaristas preparam-se para fazer dos pilotos da Força Aérea portuguesa assassinos das populações nativas indefesas.

Toda uma acção psicológica está a ser desenvolvida para tornar accetável aos olhos do povo português uma aventura guerreira contra os povos coloniais (a Emissora Nacional vai passar a fazer emissões especiais com esse objectivo). O novo sub-secretário da Administração Ultramarina, o conhecido colonialista Adriano Moreira, aludiu claramente no acto da sua posse a essa criminoso intenção salazarista.

O Partido Comunista tem denunciado estes sinistros maneios, mas os perigos que a politica colonialista de Salazar envolve para o nosso povo requerem uma acção enérgica immediata antes que seja tarde.

Os povos africanos, dominados pelo colonialismo português, organizam-se para a luta e preparam-se para batalhar pela sua independência. A sua causa é justa. O Movimento Anti-Colonialista (MAC), que se estende a todas as colónias portuguesas e cujos delegados denunciaram vigorosamente o colonialismo português nas recentes conferências de Tunis e Conakry, publicou um importante manifesto desmascarando a acção colonialista de Salazar.

Ao mesmo tempo um vibrante apelo foi dirigido a todos os povos africanos e às forças progressistas de todos os países, incluindo Portugal, para que apoiem a luta dos povos dominados pelo colonialismo português.

O nosso povo tem o dever de responder a esse apelo. A oppressão salazarista sobre mais de 11 milhões de africanos torna para elles odioso o nome de Portugal. Só pela sua acção concreta e deliberada contra os maneios salazaristas o nosso povo vencerá aos olhos dos povos coloniais o seu divorcio com a politica colonialista de Salazar.

VITÓRIA DOS EMPREGADOS DE SEGUROS

Depois de várias demarches, os empregados do Seguro conseguiram ver coronados de éxito os esforços da Direcção do Sindicato, para obter aumento de salários. O anterior aumento de 10%, dado pelo Grémio foi considerado um aumento de 20%, que provocou grande satisfação na classe.

Esta é uma bella vitória, resultado da firmeza e da luta dos esforços dos empregados de seguros conjuntamente com o seu Sindicato.

DOIS ANOS DEPOIS DE TERMINADA A PENA MANUEL RODRIGUES CONTINUA PRESO

Manuel Rodrigues da Silva, grande patriota cuja vida tem sido inteiramente dedicada à luta em defesa da classe operária e do nosso povo, encontra-se encarcerado nas prisões fascistas, apesar da sua pena ter legalmente terminado há dois anos. No último mês de Março, data da terminação de mais um ano das ilegais «medidas de segurança», Manuel Rodrigues da Silva vai novamente prorrogadas (ão odiosas «medidas».

«Isso significa que este patriota vai entrar no 20.º ano da sua reclusão.

Manuel Rodrigues da Silva é um digno filho da classe operária. Preso pela primeira vez em fins de 1936, esteve mais de 9 anos deportado no sinistro Campo do Tarrafal.

Novamente preso em Fevereiro de 1950, como membro do Comité Central do Partido Comunista, foi praticamente condenado à prisão perpétua pelos governantes fas-

cistas.

Isso significa que só a luta do povo português e a solidariedade de todas as pessoas e organizações progressistas do mundo inteiro podem arrancar dos cárceres fascistas este denotado lutador pela causa do nosso povo.

Setodos os portugueses que não concordam com a politica salazarista de violências e a solidariedade de todas as pessoas e organizações progressistas do mundo inteiro podem arrancar dos cárceres fascistas este denotado lutador pela causa do nosso povo.

Setodos os portugueses que não concordam com a politica salazarista de violências e a solidariedade de todas as pessoas e organizações progressistas do mundo inteiro podem arrancar dos cárceres fascistas este denotado lutador pela causa do nosso povo.

Setodos os portugueses que não concordam com a politica salazarista de violências e a solidariedade de todas as pessoas e organizações progressistas do mundo inteiro podem arrancar dos cárceres fascistas este denotado lutador pela causa do nosso povo.

A CLASSE OPERÁRIA LUTA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

Cada dia que passa mais se torna claro para os trabalhadores que só a luta organizada pode obrigar o patronato e o fascismo a aumentarem os salários e recuar na sua desenfreada exploração. Nas empresas e nos Sindicatos, em simples exposições ou por meio de concentrações e até da greve, os operários portuenses estão levantando as suas reclamações, reagem contra as enganosas promessas dos salaristas e obtêm em muitos casos a satisfação total ou parcial das suas reivindicações.

75 tecedeiras de Mira d'Áire fazem greve

As operárias da secção de fição, em número de 75, da fábrica A Vitória, estiveram em greve desde Janeiro até princípios de Março. Depois da saída do despacho para a indústria de lençóis, os patrões preferiram obrigar as operárias a trabalhar de empreatada a um ritmo aceleradíssimo para atingirem o salário que tinham antes do trabalho singelo. As «cantedeiras», (em número de 12, que indicam em voz alta a cor do fio às outras) recusaram-se a trabalhar naquelas condições. Por isso foram suspensas. As restantes operárias da secção, num total de 63, abandonaram o trabalho, como sua solidariedade com as suas companheiras e contra o trabalho de empreatada.

A gerência tentou intimidá-las. Chamou a PIDE que foi pelas aldeias próximas chamar as operárias e interrogá-las na empresa durante 3, 4 e 5 horas, sempre de pé. Queriam saber quem as tinha instiga-

do a greve e obrigá-las a trabalhar nas condições impostas pelos patrões.

Apesar destas intimidações e dum edital que a PIDE fez afixar em todas as fábricas da região para não ser dado trabalho às grevistas, considerando até os industriais que lhe dessem trabalho como pró-comunistas, as 75 operárias mantiveram-se firmes recusando-se a voltar ao trabalho. Em fins de Fevereiro, a gerência recebeu ordem da PIDE para dar trabalho nas condições impostas pelas operárias, excepto para as 12 «cantedeiras» consideradas as responsáveis da greve. Mesmo assim, apenas regressaram ao trabalho 30 operárias das aldeias. As da vila, por solidariedade com as 12, recusaram-se a trabalhar.

Esta greve das operárias de Mira d'Áire é um exemplo de firmeza para todas as operárias têxteis que sofrem uma brutal exploração.

Importantes vitórias dos pescadores

No dia 19 de Março, a comissão dos pescadores da sardinha do porto de Matosinhos e os armadores reuniram-se na capitania para discutir as condições de matrícula para a safra deste ano. O comandante, em nome dos armadores, leu as condições propostas por estes que eram sensivelmente as mesmas do ano passado, pelo que os pescadores rejeitaram, apresentando contra-propostas. Depois da discussão os armadores acabaram por as aceitar. Assentou-se nas seguintes condições:

— Os escalões passam para 38, 39 e 40 por cento, desaparecendo as percentagens menores da matrícula anterior;

— Passam a ter o mínimo de 6 cabazes de peixe de caldeira, sem que a G. Fiscal possa impedir que os pescadores levem para terra o peixe que lhes é dado;

— Aos sábados, logo que os barcos cheguem e os pescadores batam a rede, não mais são obrigados a mexer no que se seja até domingo às 22 horas. Se o patrão precisa de encascar a rede ou qualquer outro trabalho terá de pagar ao pessoal de terra;

— Ao meio dia os pescadores passam a ter uma hora para comer;

— Que nos barcos que atinjam

no final da safra 2 mil contos, o armador dê para a classe 1 por cento sobre a receita bruta;

— Quanto a medicamentos, até aqui os pescadores tinham de pagar metade do seu custo. Agora só pagam metade os que ganhem para cima de 10 ou 12 contos. Os que ganhem menos não pagam nada;

— Terminada a safra, em 15 de Janeiro, os armadores não poderão obrigar os pescadores a ir para o mar para a pesca do bacalhau. Estes só irão se quiserem.

Toda a classe piscatória acolheu com alegria esta vitória, mas está vigilante até ao dia 15 de Abril para impedir qualquer manobra por parte dos armadores ou autoridades marítimas.

Também no dia 17 de Março uma Comissão de pescadores do arrasto do mesmo porto, um de cada barco e em número de 22, reuniram na capitania com o comandante que lhes apresentou as seguintes condições da nova matrícula:

— 20800 diários, que estejam em terra ou no mar (eram pedidos mais 20800 em cada dia passado no mar);

— 0,9 por cento até cem contos; (era pedido um por cento sobre o valor total do pescado).

— Os pescadores terão por cal-

(continua no 4.º pág.)

2.000 operários da Carris de Lisboa pedem aumento de salários

Na primeira semana de Fevereiro, cerca de 2.000 operários das oficinas de Santo Amaro concentraram-se junto dos escritórios da gerência para pedir aumento de salários. Os gerentes alegaram que, assim concentrados, não os atendiam, que dissessem por escrito o que desejavam e fosse uma comissão no dia seguinte ao escritório. Uma comissão de 6 operários en-

tregou, no dia seguinte, uma exposição assinada por quase todos os operários e na qual pedem 9300 de aumento.

A gerência respondeu que a Companhia tem tido poucos lucros e que só aumentaria os ordenados e salários se fossem aumentadas as tarifas.

Operários da Carris! O aumento das tarifas não é uma solução justa para as vossas reivindicações. É como se fosses arrancar o aumento dos vossos salários ao salário dos outros trabalhadores que já pagam um preço excessivo nos transportes colectivos da capital. A empresa pode bem conceder-vos o aumento sem recorrer a tal expediente. Os seus 10 mil e 500 contos de lucros confessados podem muito bem ser reduzidos em vosso benefício.

Os mineiros continuam a sua luta

Para conseguirem o aumento de salários e o regresso dos companheiros despedidos, os mineiros de Aljustrel vêm fazendo várias concentrações no Sindicato. Em 14 de Março realizou-se uma concentração com mais de 200 mineiros, mas o presidente do Sindicato, o bufo Amadeu desapareceu. No dia 18 voltaram mais de 400 mineiros e o Amadeu fugiu de novo para avisar a GNR, que apareceu com o tenente à frente a perguntar o que queriam. «Queremos o aumento de salários, o regresso dos despedidos e uma entrevista com o ministro para a elaboração dum contrato colectivo» — responderam os mineiros. O tenente deu-lhes razão mas que não fizessem ajuntamentos porque ele já há 20 dias que andava a tratar do assunto deles. Os mineiros disseram-lhe que agradeceram os 20 dias, mas já andavam há 11 anos a lutar e ainda não foram atendidos.

Em S. Domingos, depois de diversas concentrações no Sindicato, os mineiros conquistaram finalmente o pagamento de \$50 que a empresa lhes roubava há três anos, roubou que já perfazia 500 contos. Conquistaram também aumento de salários de 3360, 2500 e \$50, ficando a ganhar 30100.

Os têxteis do Minho e do Porto lutam

Na Frialas, Guimarães, o patrão multa os operários a torto e a direito. Após uma multa de 64800 a cada operário (ganham a 17800 e só trabalham 5 dias) o patrão a pretexto de que os operários não davam rendimento, aplicou nova multa a mais de metade do pessoal, multa pesadíssima que consistia em 3 dias de trabalho gratuito. Mas nesse sábado todos os multados se recusaram a receber a multa, exigindo o salário por inteiro. Perante a sua firmeza e unidade, o patrão foi obrigado a ceder e teve que pagar as multas por inteiro.

Na PIL do Porto os operários não aceitaram a imposição do patrão de lhes pagar a ferial a quinzena. Protestaram e unidos exigiram que o patrão lhes pagasse uma semana adiantada e conseguiram-no.

Dois vitórias dos operários da Carlos Galo

Derante a crise vidreira, a Fábrica Carlos Galo da Marinha Grande tentou descarregar sobre os operários, pondo-os a trabalhar a 4 e 5 dias por semana. Os operários reagiram, concentrando-se em massa no escritório. O patrão descontrolou-se ameaçando de os mandar prender. Se quisessem ser ouvidos que elegessem uma comissão para ir falar com ele. Os operários cederam. Dias depois uma comissão de 3 dirigiu-se ao escritório. O que é facto é que a partir de então não houve mais tentativas para reduzir os dias de trabalho.

No entanto, posteriormente, tentaram aumentar o horário de trabalho em um quarto de hora. Uma comissão de 2 operários avistou-se com o patrão, conseguindo-se que os horários não fossem prolongados

Marchas de fome e concentrações dos rurais altejanos

Com a grande invernia mais se acentuou a miséria dos camponeses. A fome reina nos lares dos trabalhadores agrícolas. Em Fronteira, Sousel, Redondo, Rio de Moinhos, Montes Velhos, Cortes, Mesjuna e outras localidades, bandos de crianças, mulheres e homens andam a pedir esmola. Contra esta situação de miséria os trabalhadores de Aldeia Nova de S. Bento, Balaizão, Serpa, Pias, Vale de Vargo, Montemor-o-Novo e Aviz concentraram-se às centenas junto das Casas do Povo, das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, gritando que tinham fome e que-

riam pão ou trabalho.

Em Balaizão a GNR safu para a rua de pistola-metralhadora em punho mas o povo não se intimidou e não dispersou enquanto não foi distribuído farinha, azeite e pão. Além disto os agrários comprometeram-se a dar trabalho logo que o tempo melhorasse.

Em Serpa também a GNR procurou intimidar o povo, mas este continuou a gritar que tinha fome, que queria trabalho e pão e não pancadas. Tentaram depois enganar os trabalhadores prometendo-lhes trabalho logo que levantasse o tempo, mas estes não arredaram

pé e conseguiram que passasse a ser distribuída uma sopa de grão a cada um.

Nas outras localidades atrás apontadas também foram distribuídos gêneros e prometido trabalho logo que o tempo levantasse e em algumas foi assegurado trabalho aos desempregados.

Os operários agrícolas altejanos não devem afrouxar a sua luta corajosa e já lhes tem dado numerosas e belas vitórias. Eles não se deixarão sucumbir pela fome e a força da sua unidade e firmeza obrigará o patronato e o governo a tomar medidas.

Uma exposição

dos operários dos estaleiros de Viana do Castelo

Numa exposição enviada à Administração e assinada por mais de 800, os operários desta empresa reivindicam aumento de salários.

Os trabalhadores dos Estaleiros de Viana deram já um importantíssimo passo no caminho da luta por melhores salários e, fortalecendo cada vez mais a sua unidade, de modo a assestarem o prosseguimento da luta, acabarão por alcançar a satisfação das suas justas reivindicações.



INTENSIFIQUEMOS AS LUTAS

(continuação da 1.ª pág.)

trabalhadores encontraram outras formas de se reunirem, nos pinhais, nos locais públicos, à porta das empresas, etc.

Mas um dos melhores pontos de reunião são os Sindicatos e Casas do Povo. E para estes organismos, ditos de classe, que devem dirigir-se de preferência as concentrações dos trabalhadores. Estes têm por si a força legal que o próprio fascismo dá a esses organismos e as autoridades não podem impedir tais reuniões sem recorrerem a processos ilegais.

Nos Sindicatos e Casas do Povo deve solicitar-se a colaboração das respectivas direcções, pressioná-las para que apoiem as reivindicações dos trabalhadores junto do patronato e das autoridades. A experiência mostra que também neste caso, quando os trabalhadores assumem uma atitude combativa e justa, mas maleável, é possível interessar na luta certos dirigentes sindicais e das Casas do Povo.

Reunir para discutir democraticamente os problemas — eis uma forma óptima de iniciar e organizar qualquer luta reivindicativa.

Organizar para dirigir a luta

Um dos mais valiosos factores de vitória das reivindicações operárias é a existência de organismos de classe, bem ligados à massa que representam.

Devido à repressão, muitos trabalhadores têm receio de formarem ou de participarem ás suas comissões. Mas se estas são criadas em plena luta e se a sua acção não aparece desligada das massas, tais organismos são defendidos pelas massas, podem impor-se ao patronato, aos dirigentes sindicais, ás autoridades.

Contudo, a experiência mostra que por vezes esses organismos podem não aparecer abertamente, podem até actuar de maneira clandestina, mas de qualquer forma em íntima ligação com os trabalhadores em luta. Na heróica greve de 70 dias dos pescadores de Matosinhos, no ano passado, existia uma comissão que não apareceu abertamente, mas que dirigiu de facto a luta. Naturalmente que estes organismos têm de ter uma composição mais restrita, enquanto as comissões que actuam legalmente devem ter uma composição mais larga.

Mas a condição para que tais organismos exerçam uma acção decisiva nas lutas reivindicativas é que sejam organismos de unidade compostos por trabalhadores sérios e firmes, sem quaisquer preocupações de ordem política.

No momento actual em que a luta é indispensável para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, ter em conta estas lições da experiência, é uma condição importante para levar à vitória as lutas operárias e camponesas.

NA PRÓXIMA CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL DEPOSITAM OS POVOS AS SUAS ESPERANÇAS

Nas vésperas da Conferência de Alto Nível, tem interesse recordar alguns aspectos do ambiente e dos acontecimentos que se prepararam e acabaram por conduzir à sua realização.

A proposta de desarmamento geral e completo, no prazo de 4 anos, apresentada em Setembro do ano passado pelo Governo da União Soviética na ONU encontrou profundo eco no coração de todas as pessoas simples, pois uma tal proposta corresponde ao seu mais caro anseio: a paz mundial. A paz para que o homem camilhe direito ao futuro, sem o espectro da guerra a ameaçar o que as suas mãos e o seu cérebro constróem e criam.

Governos, Parliaments, diversas associações e organizações mundiais deram já o seu apoio caloroso à proposta soviética como o mais candente problema dos nossos dias. Cada vez se torna mais claro para os povos que a guerra não é inevitável, que a paz não é um sonho de visionários. «As armas foram criadas pelas mãos dos homens. Estas mesmas mãos podem destruí-las».

O desarmamento geral abriria desde logo o caminho para que enormes recursos pudessem ser canalizados em benefício dos povos. Criaria imediatamente relações internacionais dum novo tipo. A confiança recíproca encaminharia a Humanidade para a concretização dos seus mais belos sonhos de fraternidade, de justiça e de bem-estar.

As propostas da União Soviética seguem-se os actos e, assim, cerca de um terço dos efectivos militares soviéticos, isto é, 1 milhão e 200 mil homens serão demobilizados.

As iniciativas de paz da União Soviética, as polências ocidentais respondem com novos preparativos de guerra e com a sabotagem das propostas.

Em Genebra, arrastam-se as negociações sobre o desarmamento, mantendo as polências ocidentais uma atitude puramente negativa em torno do problema do controle. A sua pretenção é levar as coisas a um beco sem saída, criando assim o clima propício aos seus propósitos de manutenção da «guerra fria» como forjadora da guerra quente. Pretendem fazer crer ao mundo que a União Soviética quer o desarmamento, mas não quer o controle. Isto é falso. O que a União Soviética não quer é acordos de controle sem acordos de desarmamento, o que não quer é que o controle funcione como meio de fazer espionagem.

A França já fez explodir 2 bombas atómicas no Sahara e para o militarismo alemão já não basta o território da Alemanha Federal, ele procura bases além-Pirineus e noutras partes.

Enquanto o governo soviético desenvolve esforços constantes a favor da paz, os círculos governamentais ocidentais não são tão generosos e contribuem positivamente, como procuram minimizar e deturpar esses esforços. Depois da sua histórica viagem a Washington, Krutchof visitou a Índia, a Birmânia, a Indonésia, o Afeganistão e a França. Em toda a parte o povo o acolheu calorosamente, como o mensageiro da paz, como o representante dum

grande potência, que constrói um futuro luminoso para o Homem.

Em França, apesar das campanhas reaccionárias que procuraram diminuir a importância da visita de Krutchof, esta resultou num êxito. O povo francês que, num período curto, sofreu por duas vezes a agressão do militarismo germânico, saudou em Krutchof o representante de um povo que, nessas mesmas duas guerras, foi igualmente vítima da agressão alemã e a quem a França deve a derrota dos bárbaros ocupantes nazis.

Os resultados das viagens de Krutchof provam que a União Soviética respeita de facto os direitos dos outros povos, como toda a sua política tem por eixo central a paz e o incremento das boas relações económicas e culturais numa base de interesse mútuo.

Bem diferentes são as visitas de Eisenhower. Krutchof estabelece com os dirigentes dos países sub-desenvolvidos acordos altamente vantajosos para estes, (construção de novas unidades de produção, barragens, redes de transportes, etc.). Eisenhower corre pelo mundo em inspecção aos apoios reaccionários de Washington, oferece auxílio... militar e ainda com condicionaisismos políticos prévios. Na sua bagagem Eisenhower leva escrita a palavra guerra e Krutchof a palavra paz.

Um dos resultados mais importantes das visitas de Krutchof aos Estados Unidos é a agora à França foi o acordo conseguido para a realização da Conferência de Alto Nível. Os círculos reaccionários do Ocidente procuram minar o terreno, de molde a fazer fracassar a Conferência.

O povo português, como todos os povos do mundo, está vitalmente interessado numa política internacional de desanuviamento e de paz. Graves perigos o ameaçam, muito particularmente quando em Portugal governa uma camarilha que gravita em torno do militarismo alemão e do imperialismo americano, aos quais faz concessões que envolvem a própria integridade da Nação. Um jornal alemão dizia, há pouco mais de um mês, que «o território da Alemanha Federal é demasiado estreito para manobras militares» e que «a Península Ibérica oferece o espaço necessário».

O povo português tem o dever de juntar a sua voz à voz de todos os povos do mundo e exigir que na próxima Conferência de Alto Nível as grandes potências acordem em enveredar pelo caminho do desarmamento geral e completo, pelo caminho da Paz.

OIÇA A RÁDIO!

RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal no horário das 22. às 23 horas, pelas ondas de 16, 19 e 25 metros.

RÁDIO PRAGA

Transmite diariamente para Portugal, das 19,30 às 19,55 em 19, 25 e 31 metros com repetição em ondas médias, às 24,45, em 273 e 233 metros.

TRIBUNA DO LEITOR

ESTADO NOVO, ao 33-

Em Penhela, no dispensário anticuloso: pescadores, conserveiros, caçadores acorrem todos os dias à consulta. Há muitos quilómetros da distância. A consulta é rápida e em comum, depois de passar os dentes pela radioscopia, o médico recorre à pressão; os dentes esperam de pé, contendo a tosse. Chegamos à consulta às 12 horas e os dois 50 anos, um pescador. Rodando o boné nas mãos, queixa-se do que tem escurecido a outra vez: penhas, febre, ascaros de sangue, escatoma.

«Tens desancado sobre do dize?» pergunta o médico, olhando-o nos olhos. «Tengo andado no mar...» confessa sorrindo ao médico o senhor doutor da Casa dos Pescadores disse-me que já estava melhor e como tenho lá o pessoal em casa...»

«Tens lá o pessoal e tens uma governa no palácio que não há meio de fechar. Levou os comprimidos e não vás trabalhar no dia de hoje. Estes mistio mal, perches?»

O pescador pega na requisição, agradece e sai, encando os ombros.

que se a GNR da localidade não chegasse viria mais de outro lado. Nesta dia chovia e fazia frio e as famílias, rodeadas pelos filhos, e mesmo algumas recolheram. Ir falar com o presidente da Câmara para prolester contra aquele crime. Graças à sua energia ajudou (80 mulheres) o presidente da Câmara foi forçado a recusar, adojando a expulsão daqueles infelizes famílias.

Vilhar, pois, estes barros e tomar conhecimento do que vir grande parte do povo português, é tomar consciência das causas do que está miséria é simples e fofio, é muito instrutivo e deve interessar a limentos humanos e animais. Sob o governo de Salazar crescem as fortunas de um lado e cresce a miséria do outro.

Um claudesno

QUEM SÃO OS LADRÕES?

Um dos seus ladrões é o criminoso comandante da GNR?

O outro gahino é o Camaralo, escrição da Casa do Povo, desta mesma vilharia e conhecido por todos os ladrões, que roubou mais de 200 contos, fugiu para Lisboa e diz que não quer o presidente da Câmara, diz-se que por 400 contos. Este senhor no ir para Portugal, provavelmente na PIDE.

O criminoso comandante da GNR é o tenente que estava em Montemor, o qual violava jovens de 15, 16 e 17 anos e depois se entregou ao Albergue da Evora depois de ter sido preso. Não foi sequer enviado para Elvas para fazer a reclusão.

Três crimes repugnantes que trazudem bem a falta de respeito e dignidade dos dirigentes salazaristas em relação do regime. Para que servem os leis? São só para aplicar aos trabalhadores quando vão buscar os pontos a condados. Estes senhores que estão enclausurados na administração pública ou nas firmas repressivas e se amanhã como querem com o dinheiro da Nação, que não dá o devido respeito de abusos, não há leis para eles?

As vossas leis são hipocrisias! Justica para estes três canchais! Fora com o salazarismo!

Um montemorense

UMA CARTA

Portugueses!

Ao visitardes o monumento a Cristo-Rei, aproveitad e passad ao bairro dos Caraquejis, na Canela da Alegria, onde há 50 barracas feitas de papéis, lãbros e sacos e onde vivem mais de 600 famílias marginalizadas na mais horrível miséria. A cinco metros das barras havia, até há pouco, uma estrutura de que emanava insuperável mau cheiro e nuvens de mosquitos, e que levava aquela população a fazer várias perguntas, conseguindo, finalmente, a estrutura feita de estradas.

No dia 1.º de Dezembro, mais de 80 famílias do bairro dos Caraquejis receberam um bom de sair dali, o que fossem para os pinhais e outros sítios. Foi-lhes dito que não se fossem a bem sairão à força

O socialismo em marcha

A BULGÁRIA EDIFICA UMA VIDA NOVA

A Revolução de Setembro de 1944 abriu o caminho para a edificação do socialismo na Bulgária.

Verifica-se neste país uma constante elevação do nível de vida das massas populares, mudou radicalmente a vida material e cultural dos trabalhadores. Assim o testemunham, antes de mais nada, o rápido incremento da renda nacional e a sua distribuição em proveito dos trabalhadores da cidade e do campo. Em 1957, a renda nacional foi 2,3 vezes superior à de 1939, ano antes da guerra, e 1,5 vezes maior que a de 1952, último ano do primeiro quinquênio. O salário médio anual dos operários, camponeses e empregados sobe, enquanto os preços diminuem — o rendimento real dos trabalhadores aumentou 55%, no primeiro quinquênio e 80%, no segundo quinquênio.

A industrialização

Depois da nacionalização, efectuada em 1947, a indústria da Bulgária passou a ser socialista.

De acordo com a conhecida tese de Lenine, segundo a qual é impossível edificar o socialismo se não existir uma indústria capaz de reorganizar a agricultura, foi necessário fundar a indústria pesada, industrializar a Bulgária. Durante os primeiros planos quinquenais surgiram novas cidades e centros fabris, as linhas férreas aumentaram em centenas de quilómetros, construíram-se centrais térmicas e hidráulicas, foram explorados jazigos de minerais e descobriu-se petróleo. A Bulgária deixou de ser um país agrário para se tornar um país socialista industrial-agrário. Na actualidade, conta com a indústria de construção de máquinas, metalurgia não ferrosa, siderurgia, indústria química e outros ramos, que não existiam no passado. A produção industrial passou a ocupar o lugar predominante na produção global de toda a economia nacional. Em 1957 a produção industrial foi quase 8 vezes superior à de 1939. A industrialização do país teve uma importância decisiva na liquidação do atraso secular da economia, na consolidação da sua independência em relação ao capital monopolista estrangeiro. Ao mesmo tempo, a industrialização permitiu resolver com êxito uma das tarefas mais difíceis do período de transição do capitalismo para o socialismo.

A estruturação socialista da agricultura

Antes da Revolução, a agricultura búlgara era atrasada, o parcelamento da propriedade rural era de 12 milhões de pequenas fazendas, cultivadas por processos primitivos e pouco produtivos. Hoje, 92% das terras de semeadura pertencem às Fazendas Cooperativas de Trabalho Agrícola (FCTA).

A Lei da Reforma Agrária, promulgada em 1946, confiscou aos grandes proprietários 230.000 hectares que distribuiu por 127.000 famílias sem terra ou que possuíam pouca. Hoje esses proprietários, aderindo às FCTA, continuam na posse das suas terras, mas recebem muito mais altos rendimentos do que se as mantivessem em exploração individual.

Um índice particularmente claro da elevação do nível de vida dos camponeses cooperativistas, é o fomento da construção de moradias no campo. De 1945 a 1957 edificaram-se nas zonas rurais 388.000 casas, o que quer dizer que durante o poder popular, mais de uma terça parte das famílias camponesas construiu novas e confortáveis habitações.

Outro expoente importante do nível material e cultural dos camponeses trabalhadores é o nível dos seus filhos instrução média e superior. Em 1946 não havia na Bulgária mais que 38.000 pessoas com instrução média superior, enquanto que em 1956 o seu número era já de 815.000, o que representa cerca 11% da população do país. A Bulgária ocupa o primeiro lugar no mundo pela percentagem de diplomados em relação ao número total da população. 80% dos alunos que terminam a escola primária superior, continuam a frequentar os seus estudos nos estabelecimentos secundários de ensino geral ou técnico. A rede de escolas secundárias estende-se até aos recantos mais afastados do país.

A Frente da Pátria

Uma particularidade importante da luta revolucionária e do regime político-social da Bulgária depois de 9 de Setembro de 1944, é a existência da Frente da Pátria, força política de união combativa da classe operária, dos camponeses e da intelectualidade. Organizada em Junho de 1949 por iniciativa de Dimitroff, primeiro líder da Frente da Pátria não só foi a forma mais adequada de realizar a unidade de todas as forças patrióticas do povo na luta contra a ditadura fascista, mas também contribuiu para a passagem das vastas massas populares à revolução socialista, debaixo da direcção do partido comunista.

Actualmente a Frente da Pátria, a que pertencem mais de 3.800.000 pessoas, efectua um grande trabalho para educar os trabalhadores no espírito socialista.

NASCEU HÁ 90 ANOS

(continuação de 1.ª pag.)

margem da revolução burguesa, a não participar na mesma, a entregar a sua direcção à burguesia; pelo contrário ensinam-lhe que deve participar da maneira mais energética e mais decidida na luta pelo democratismo proletário; consequente, na luta para levar até ao fim a revolução». (Lenine, «Duas Táticas»).

A classe operária portuguesa não deve manter-se à margem da luta pela democracia, não deve esperar doutras forças que não sejam as suas próprias, estreitamente vinculadas às restantes massas trabalhadoras, as liberdades democráticas fundamentais, de reunião, de associação, de expressão do pensamento, de greve, etc. Esta acção específica da classe operária não é incompatível com uma larga política de unidade e de alianças em defesa da democracia.

Uma potente unidade anti-salazarista pressupõe a unidade da classe operária portuguesa à volta das suas reivindicações económicas, políticas e culturais imediatas, e a sua acção dirigente para levar a revolução democrático-burguesa até ao fim. Estas são as grandes lições de Lenine cuja actualidade e valor para os trabalhadores e o povo de Portugal são por demais evidentes neste dia do seu 90.º aniversário.

ASSASSINATOS, VIOLÊNCIAS E PERSEGUIÇÕES DA CAMARILHA SALAZARISTA

Depois de grandes notícias nos jornais e conferências de imprensa destinadas a espalhar a confusão, minar a confiança do povo no Partido Comunista e a dar a ideia de que este se encontrava desmantelado, foi um grave desaire para o salazarismo a fuga de Peniche dos nossos 10 valentes camaradas e de mais 8 opositores de outras cadeias. Foi uma vitória sobre a tirania que revolveu fundo o ódio salazarista. Ódio que redobradamente se despenhou à escala nacional, através de medidas excepcionais de repressão que mobilizam todas as polícias.

A coberto da impunidade, a PIDE assalta casas, passa buscas, prende e maltrata. Estradas e transportes são patrulhados e vigiados pela PIDE, GNR e as suas redes de bufos.

A polícia bate zonas e localidades, interroga sobre a vida dos seus habitantes e pretende mobilizar a opinião pública para um indigno trabalho de denúncias e provocações. Nestas suas manobras de intimidação, segue pessoas, vigia-lhes as residências e os locais de trabalho, intima-as a comparecer a interrogatórios nas sedes da PIDE, nas esquadras e nos postos da PSP e da GNR. Podemos dizer que não se passa um único dia em Portugal sem que pessoas não sejam presas ou chamadas a interrogatórios para averiguações políticas.

Nas prisões, homens e mulheres sofrem torturas e restrições de toda a ordem. Após a fuga de Peniche, aos presos que ainda lá ficaram foi aplicado um mês de segredo e os Drs. Humberto Lopes, Manuel de Andrade e o poeta Borges Coelho foram espancados. Em Casixos, colocaram GNR por todos os lados, incluindo postos permanentes nos corredores da prisão, lá rondas nocturnas de hora a hora, inspecções constantes pelos responsáveis fascistas.

Na Cadeia Central do Norte, as visitas passaram a ser feitas com uma mesa bastante larga entre os presos e as famílias. Como aquetes protestassem e se recusassem a ter mais visitas em tais condições, a PIDE castigou alguns deles. A saúde dos presos políticos, dadas as desumanas condições prisionais, é muito precária; Maria Ângela, Maria Luísa, Costa Dias e Luísa Paula encontram-se gravemente doentes e os médicos pronunciam-se pela impossibilidade de tratamento enquanto estiverem presos.

A repressão estende-se às mais diversas camadas e aos mais diversos aspectos da vida social. Desde o processo movido ao escritor Aquilino Ribeiro, desde a indisciplina e demissão do assistente

de la Faculdade de Letras de Lisboa Dr. Urbano Tavares Rodrigues e o encerramento da SEN, ao processo contra as entidades católicas e contra os advogados que desmascararam alguns crimes da PIDE e do governo e pediram um inquérito, à expulsão para fora do País do Bispo do Porto.

O terrorismo policial é uma das principais armas e um dos principais apoios de Salazar. E, assim, não é por acaso que permaneceu na Alemanha quase todo o mês de Março, em missão de estudo dos métodos policiais alemães, uma delegação composta por esbirros notórios como os tenentes-coronéis Oliveira Marques, Ângelo Ferrari e Jesophel de Figueiredo, chefes do Estado Maior da GNR e da PSP.

Não é por acaso que se anuncia a reorganização da Polícia de Segurança Pública e que, para já, acaba de ser criada uma companhia móvel, com 211 unidades, à disposição do ministro do Interior.

Não é por acaso que foi criada uma secção especial da PSP controlada pelo famigerado agente da PIDE, Seixas.

Só o povo pode deter os crimes, as violências e as perseguições da camarilha salazarista. Precisamos de mobilizar milhares e milhares de pessoas para uma ampla campanha contra a repressão e pela Amnistia. Milhares e milhares de pessoas estão dispostas a dar a sua ajuda para que cesse o terror, desde que as saibamos atrair a uma participação activa, quer convidando-as a dar a sua assinatura para documentos de protesto, petições de Amnistia, quer convidando-as a participar em delegações que se avistam com as autoridades civis e religiosas, ou em outras acções colectivas ou individuais.

O exemplo das valentes mulheres do couco, Barreiro e Almada, que se ofereceram já mais de mil assinaturas para a amnistia, do povo de Aljustrel, de Silves e do Minho, de Torra Novas, para o mesmo fim, deve ser seguido por todos os que querem ajudar a pôr termo aos crimes salazaristas. Que cada um que sente que isto é necessário e urgente tome uma iniciativa. As nossas iniciativas soma-se o apoio internacional contra o terror salazarista. Delegados da Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia devem deslocar-se este mês a Portugal, a fim de se avistarem com os presos políticos e com o Governo para reclamar, desde que cesse a repressão e seja concedida a amnistia a todos os presos e perseguidos políticos.

Actuando perveramente, obrigaremos Salazar e os seus esbirros a recuar.

CARTA DUM PATRIOTA DA G.N.R.

(continuação da 1.ª pag.)

do povo, são perseguidos e presos, sem qualquer remissão e Salazar continua mantendo a mentira, a espalhar maior miséria e terror.

Era tempo de ajudar aqueles que podem salvar o País.

Ándel a libertar alguns filhos do povo que estavam presos. Fiz o que me foi possível, conseguindo-o sem grande esforço.

O que é preciso e vontade, que com ela tudo se faz. Não actuo seleccionando por ideias políticas, nem tenho inclinação para qualquer dos partidos políticos do processo, mas tenho grande orgulho de ser português e portanto defender Portugal.

a) José Jorge Ares